



## O IMPÉRIO COLONIAL DINAMARQUÊS: UMA ANÁLISE PRELIMINAR

Carlos Augusto Trojaner de Sá<sup>1</sup>

### RESUMO

O Império Colonial Dinamarquês é delimitado entre o período de 1536 até 1953, em sua fase inicial, a Dinamarca-Noruega começou a desenvolver colônias, fortalezas e postos comerciais na África, no Caribe e na Índia. Christian IV iniciou a política de expandir o comércio exterior da Dinamarca, como parte da política mercantilista da Europa. A primeira colônia da Dinamarca foi estabelecida em Tranquebar, no litoral sul da Índia em 1620. Em seu apogeu, as colônias dinamarquesas encontravam-se em quatro continentes (Europa, América do Norte, África e Ásia), tornando-se o quarto maior império colonial. O presente trabalho tem como objetivo realizar uma revisão bibliográfica a cerca deste período histórico, mostrando as principais regiões colonizadas, como foram obtidas, sua organização e por fim analisar os fatos que levaram à dissolução do império.

**Palavras-chave:** Império; Colônia; Dinamarca.

### INTRODUÇÃO: BREVE HISTÓRICO DO IMPÉRIO COLONIAL DA DINAMARCA

O Império Dinamarquês teve seu auge no século XVIII, quando abrangia o Reino da Dinamarca e Noruega, o Ducado de *Schleswig e Holstein*, as dependências do Atlântico Norte da Groelândia, as Ilhas Faroé e Islândia, estações de negociações nas Índias e em Guiné, as Ilhas Nicobar e três Ilhas Caraíbas.

Cabe aqui explicar a origem e significado da palavra “império”, que tem sua origem do Latim “*imperium*”, que significa soberania ou regra. Eventualmente, as dimensões se tornaram um fator para designação da palavra, onde territórios extensos e distantes da terra natal de seu governante são assim nomeados (HOWE, 2002, p.13).

A Ásia, África e Caribe estavam sendo explorados por países europeus em busca de *commodities*, como especiarias, ouro e açúcar. A Companhia das Índias Orientais recebeu uma carta da rainha Elizabeth I no final de 1600, concedendo o monopólio de todo o comércio nas Índias Orientais. Os Estados Gerais dos Países Baixos fundaram a Companhia Holandesa das Índias Orientais em 1602, concedendo o monopólio do comércio na Ásia. O rei Christian IV, seguiu essa tendência, adquirindo colônias para a Dinamarca,

---

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos sobre a Europa pela Universidade Aberta de Lisboa. Licenciado e bacharelado em história pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e licenciado em geografia pela Universidade Estácio de Sá, especialista em História Contemporânea pela PUCRS e em História do Rio Grande do Sul pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: [carlostrojaner@gmail.com](mailto:carlostrojaner@gmail.com)



baseou-se nos princípios mercantilistas da época e deve ser vista na perspectiva da expansão europeia como um todo.

No período entre os séculos XVII e XX, o Império Dinamarquês foi um conglomerado multiétnico de monarquias, ducados, colônias e dependências. Pode ser considerado longínquo e diverso, porém sua dimensão era menor que outros impérios da Europa da época, como os imensos impérios de Portugal e da Grã-Bretanha.

A união destes territórios com características diferentes foi feita pelo mesmo governante, o rei da Dinamarca e a administração central de Copenhague. A autoridade foi imposta em regiões distantes por funcionários da Coroa, quase todos dinamarqueses e das elites locais, guarnições militares forneceram proteção para o sistema colonial.

## **PRINCIPAIS REGIÕES CONTROLADAS NO MUNDO**

O Império Dinamarquês possuiu territórios em quatro diferentes continentes, com diferentes culturas e características. A seguir, será abordado as principais regiões que formaram o império, levando em consideração suas particularidades e forma de obtenção.

### **DUCADOS DE SCHLESWIG-HOLSTEIN**

Embora os ducados não possam ser denominados colônias ou dependências, os estudiosos dinamarqueses tradicionalmente os incluem quando discutem sobre o império da Dinamarca. Em síntese, o ducado de Schleswig, desde os tempos medievais, era de ampla população falante do dinamarquês, sendo assim, durante os séculos VIII a X, era uma região com fortes laços com a Dinamarca. Mas seu ducado irmão, Holstein, era uma região subordinada ao Império Romano e posteriormente ao Sacro Império Romano Germânico, que tinha através da burguesia comercial, sua principal ligação com os germânicos<sup>2</sup>.

Quando o rei Christian I da Dinamarca foi eleito Duque de Schleswig e Conde de Holstein em 1460, transformou ambos ducados em um único em 1474, contrariando os interesses germânicos na região. Posteriormente, os ducados já faziam parte da herança dos reis da Dinamarca-Noruega (GREGERSEN, 1981, p.175, 194-196).

### **MONARQUIAS: DINAMARCA E NORUEGA**

---

<sup>2</sup> Essa temática já foi abordada pelo autor, no artigo “Os nacionalismos do século XIX: O caso do Schleswig-Holstein”. Revista Historiador, v. 1, p. 30, 2015.



As monarquias da Dinamarca e da Noruega foram unidas no final do século XIV pelo rei Olav III, filho de Haakon VI da Noruega e Margrethe, filha de Valdimar IV, Rei da Dinamarca. Olav tornou-se rei da Dinamarca em 1376, aos 16 anos. E quatro anos depois, sucedeu seu pai como rei da Noruega, criando assim o Reino da Dinamarca-Noruega. A Dinamarca rapidamente se tornou o parceiro dominante na monarquia. Embora na época a Noruega tivesse soberania sobre a Islândia, a Groenlândia, as Ilhas Faroé, as Orkneys e Shetland, os habitantes dessas ilhas logo passaram a ser considerados os súditos do rei dinamarquês. Durante o reinado de Christian II, os comandantes dinamarqueses assumiram as três principais fortalezas norueguesas (DERRY, 1968, p.83).

O luteranismo foi imposto à Noruega por Christian III em 1536 e nesse mesmo ano a carta patente do rei proclamava que o reino norueguês era “parte integrante do reino da Dinamarca, e sujeito à coroa dinamarquesa para sempre”. O Conselho Norueguês deixou de existir e os principais feudos eram governados por nobres dinamarqueses (BAGGE & MYKLAND, 1987 *apud* SAUNDERS, 2002, p. 45-47).

Os noruegueses foram inicialmente governados por oficiais dinamarqueses, mas no século XVIII, no entanto, a maioria dos funcionários era norueguesa. O historiador norueguês, que se tornou político, Lars Roar Langslet, escreve que, depois da Reforma, a Noruega dificilmente tinha “recursos suficientes para assegurar [...] sua sobrevivência como um Estado independente” (LANGSLET, 2006, p.128, tradução do autor).

## **DEPENDÊNCIAS NORUEGUESAS: ILHAS FAROÉ, GROELÂNDIA E ISLÂNDIA**

As Ilhas Faroé ficaram sujeitas ao rei da Noruega no início do século XI. No entanto, em 1273, a coroa norueguesa assumiu o comércio das Ilhas Faroé, e em 1380, quando a Dinamarca-Noruega foi criada, as Ilhas ficaram sob o domínio da Dinamarca, onde ainda permanecem. As Ilhas Faroé eram um feudo, os proprietários na parte final do século XVII era a família Gabel, que nunca visitou as ilhas. Em 1709, a Coroa assumiu a administração política das ilhas, nomeando um oficial de justiça dinamarquês e o comércio foi conduzido como um monopólio real. Um forte tripulado por trinta soldados foi construído em Tórshavn. Em 1720, as Ilhas Faroé e a Islândia eram governadas por um governador conjunto (o *stiftamtmand*). Apenas o primeiro visitou as ilhas e perto do final do século as Ilhas Faroé foram separadas da Islândia, tornando-se parte da província da Zelândia (*Sjælland*). Do ponto de vista econômico, o consenso parece ser que as Ilhas Faroé eram de pouca importância para a Dinamarca-Noruega (HEINZELMANN, 2006, p.77).



Segundo a tradição, Erik, o Vermelho, partiu da Islândia e descobriu a Groenlândia em 985 d.c. Em seguida, a Groenlândia ficou sob a coroa norueguesa em 1261, que prometeu pagar um imposto, mas nada se sabe sobre o que eles esperavam ganhar em troca (GAD, 1970).

Segundo Agnarsdóttir (1989, p.29-31), os nórdicos viviam em dois assentamentos, ambos situados na costa sudoeste da Groenlândia. O assentamento ocidental chegou ao fim em 1350 e os habitantes do assentamento oriental haviam desaparecido no final do século XV. O destino dos nórdicos ou onde os colonos nórdicos podem ter ido é objeto de grande debate e teorias.

Depois que a Groenlândia foi abandonada até o início do século 17, quando o rei da Dinamarca enviou várias expedições em busca dos descendentes dos nórdicos, encontrando apenas *Inuits*. Os dinamarqueses afirmaram com sucesso sua reivindicação à ilha em 1721, quando a Companhia Bergen estabeleceu um entreposto comercial e o mais famoso missionário norueguês, Hans Egede, uma missão em Godthåb, na costa oeste. Após a falência da empresa em 1728, a Groenlândia foi declarada Colônia da Coroa Real e esforços foram feitos para colonizar o país. Doze condenados militares, duas mulheres condenadas e dez mães solteiras foram enviadas para a Groenlândia. Antes de sua partida, eles se casaram na igreja da guarnição em Copenhague, e muitos foram sorteados para resolver o problema de quem deveria se casar com quem. No entanto, a maioria dos enviados morreu de escorbuto. O comércio foi conduzido por uma série de empresas comerciais monopolistas, culminando na Royal Greenland Company em 1776 e novas estações de comércio foram estabelecidas ao longo da costa. Em 1850 havia treze grandes postos de comércio e cerca de 50 postos avançados com 150 europeus que os tripulavam (GAD, 1970, p.120-121).

A Islândia uniu-se livremente à coroa norueguesa em 1262, após décadas de conflitos internos. Um acordo (o Velho Pacto) foi feito entre os islandeses e o rei da Noruega, o qual os islandeses prometeram pagar tributos. Em 1380, com a unificação da Dinamarca e da Noruega, a Islândia, como as Ilhas Faroé e a Groenlândia, ficou sob o domínio dinamarquês.

## ÍNDIA

A Companhia Dinamarquesa das Índias Orientais foi fundada baseada no modelo mercantilista holandês em 1616. Era uma sociedade anônima, com o rei Christian IV como principal acionista. O objetivo era estabelecer o comércio direto com o Ceilão e a Índia. A primeira viagem ocorreu em 1618 com cinco navios, alcançando o Ceilão e finalmente



Tranquebar na Costa de Coromandel (aproximadamente 250 quilômetros ao sul de Madras) em 1620. O Forte Dansborg foi durante o século XVIII, e no final do século possuía uma guarnição de 24 oficiais e 100 soldados europeus. Tranquebar se tornou a sede dinamarquesa na Índia por dois séculos e também administrou o comércio de Bengala e o número considerável de pequenos postos comerciais na Costa do Malabar (FELDBACK, 1969, p.15).

A Companhia Dinamarquesa das Índias Orientais manteve seu monopólio até 1732, quando foi reorganizada sob o nome de Companhia Asiática [Asiatisk Kompagni]. Em 1772, perdeu o monopólio do comércio indiano, abrindo caminho para expedições mercantis privadas, embora mantivesse o monopólio do comércio da China. Cinco anos depois, as colônias foram tomadas pela Coroa, nomeando um governador e 25 funcionários europeus para administrar o território. (FELDBACK, 1969, p.16, tradução do autor).

Segundo Gøbel (2006, p. 73-90), em 1755, Serampore, ou *Frederiksnagore*, como era seu nome dinamarquês oficial, em Bengala, foi comprado do governante indiano local. Esta fábrica ficava ao norte de Calcutá (perto de Bangladesh atual) e era completamente cercada pelo território britânico, a ponto de precisar pagar impostos aos britânicos pelo transporte de suas exportações para a costa. Durante o final do século XVIII, sua importância aumentou em relação ao Tranquebar. Os dinamarqueses estabeleceram a primeira universidade na Índia em Serampore em 1827. Os dinamarqueses também adquiriram facilmente os Nicobar, um grupo de 19 ilhas na rota marítima entre a Costa de Coromandel e o Estreito de Malaca, em 1756. As potências européias não demonstraram tanto interesse nas ilhas.

## **GUINÉ: A COSTA DO OURO DINAMARQUESA**

Nørregård (1966, p.4), diz que a Costa do Ouro sempre foi a mais atraente das faixas costeiras da África Ocidental para os europeus. O rei Christian IV (1588-1648) fez várias tentativas frustradas de se firmar e só em 1654 o primeiro navio foi enviado de Copenhague para a Guiné. No ano seguinte, o navio retornou com uma carga extremamente valiosa de cana-de-açúcar, marfim, óleo de palma e ouro.

O estabelecimento dos dinamarqueses em Guiné foi marcado pela grande dificuldade, já que havia uma disputa constante com outros impérios europeus para controlar a região. Foi somente depois de 1697, quando a Companhia das Índias Ocidentais e da Guiné [*Vestindisk-Guineiske Kompagni*] decidiu comprar escravos para suas plantações das Índias Ocidentais que um assentamento dinamarquês na Guiné ganhou um lugar permanente na economia da Dinamarca (FELDBACK, 1969, p.136-138).



De acordo com Nørregård (1966, p.17, 20), o Forte Christiansborg tornou-se a sede da colônia. Em 1754, a Coroa foi forçada a assumir a administração dos fortes da Costa do Ouro, porque o comércio de escravos não era suficientemente lucrativo para os comerciantes privados assumirem a carga<sup>40</sup>. A Coroa revogou o monopólio da empresa e abriu o negócio para a maioria dos súditos dinamarqueses. No entanto, o comércio não se mostrou tão lucrativo quanto o esperado, então foi transferido novamente para uma empresa privada, conhecida como a “Empresa de Comércio de Escravos”, para retomar o controle em 1782. A década de 1780 viu a maior expansão do território dinamarquês, com vários fortes sendo construídos. Em suma, o território dinamarquês cobria cerca de 10.000 quilômetros quadrados.

## **CARIBE**

Nos séculos XVII e XVIII, uma ilha nas Índias Ocidentais foi a posse colonial mais valorizada. Os dinamarqueses, seguindo o exemplo de outras nações européias, procuravam ganhar uma posição no Caribe. A Companhia Dinamarquesa das Índias Ocidentais e da Guiné adquiriu três ilhas no Caribe: St. Thomas em 1672, com um dos melhores portos do Caribe, St. John em 1718 e, em 1733, St. Croix foi comprado de Luís XV. Esta era a ilha de açúcar mais valiosa da Dinamarca. Em 1792, 86% das plantações açucareiras dinamarquesas estavam nesta ilha (LEWISOHN, 1964, p.22-25).

## **SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO DAS COLÔNIAS**

Para gerir todo o império colonial, era necessária uma série de políticas que se baseavam desde a escolha de portos, até as especiarias que estavam em alta na Europa, como grande parte do empreendimento dinamarquês estava na América, se tornou primordial o estudo de uma vasta rede de comunicação para intensificar o comércio e com isso aumentar o lucro da Coroa Dinamarquesa.

## **COMPANHIAS DE COMÉRCIO E A COROA**

Segundo Nørregård (1966, p.119-120, p.143-144), o comércio era a força motriz do império. As empresas comerciais dinamarquesas, como a Companhia das Índias Ocidentais e da Guiné e a Companhia Asiática, lideraram o caminho para o estabelecimento das



colônias tropicais no início do século XVII. Elas eram controladas pelos comerciantes de Copenhague, e dependiam do apoio do rei, que concedia licenças reais, monopólio e outros privilégios comerciais às empresas. Entre os acionistas estavam a família real, estadistas, ricos comerciantes e outros membros da elite. Deste modo, as colônias estavam sob a soberania do rei, mesmo que formalmente administradas pela iniciativa privada.

Na Índia, os principais produtos obtidos com o comércio eram as especiarias, especialmente pimenta, e alguns produtos de algodão. No período da Coroa, 1772 a 1808, as cargas de retorno eram quase exclusivamente peças têxteis, especiarias, salitre e bambu. Os produtos de troca utilizados pelos dinamarqueses eram principalmente a prata e mercadorias europeias (CANNY, 1998, p.259).

O comércio na China era controlado pela Companhia Asiática e os dinamarqueses enviavam dois navios para Cantão por ano durante o século XVIII, onde compravam chá e porcelana em troca de prata. Da Costa do Ouro pegavam ouro, marfim e escravos em troca de pólvora e mosquetes. Do Caribe obtinham cana-de-açúcar, tabaco e algodão.

A Groelândia fornecia carnes e óleo de baleia. Nas Ilhas Faroé negociavam produtos têxteis. A Islândia fornecia principalmente peixes e óleo de trem. Já a Noruega exportava madeira, ferro, prata, cobre e peixes.

A Dinamarca propriamente não era um país rico em recursos. Era geograficamente pequena, com agricultura fraca. Os principais recursos da região eram madeira e ferro. A maioria dos produtos utilizados como troca no comércio era de origem da Noruega, Suécia, Rússia e França (FELDBACK, 1969, p.14).

## **O TRATADO TRIANGULAR**

A posse de fortes na Costa do Ouro e ilhas do Caribe possibilitou um comércio triangular: os escravos eram transportados da Costa do Ouro para o Caribe para trabalhar nas plantações, a cana era enviada para Copenhague, onde existia uma refinaria de açúcar. Mosquetes dinamarqueses, pólvora, licores, tecidos e produtos de metal, como facas e caldeirões, foram enviados de Copenhague para a Costa do Ouro em troca dos escravos.

De acordo com Gøbel (2006, p.83-84), os dinamarqueses começaram a trocar escravos da Costa do Ouro em 1660, o número de escravos aumentou depois da fundação da Companhia das Índias Ocidentais em 1674, dois anos após a aquisição da primeira ilha do Caribe, St. Thomas. Estima-se que cerca de 75.000 escravos foram transportados por comerciantes dinamarqueses sobre o Atlântico durante os 150 anos que o comércio de escravos perdurou. Tal comércio foi abolido em 1803, quando a Dinamarca foi o primeiro



país a adotar a medida. A escravidão durou até 1848, quando foi abolida pelo governador Peter Van Scholten, após uma rebelião em Saint Croix.

## O FIM DO IMPÉRIO

O Império dinamarquês foi dissolvido entre o século XIX até meados do século XX, exceto pela Groenlândia e as Ilhas Faroé. As causas para isto foram múltiplas e serão explicadas a seguir.

O primeiro a se perder foi a Noruega. A Dinamarca estava perdendo nas Guerras Napoleônicas e foi forçada a ceder a Noruega à Suécia em 1814, no tratado de Kiel, conseguindo manter as ilhas norueguesas do Atlântico. Em resposta, os noruegueses convocaram uma assembleia em Eidsvoll, onde a constituição para uma monarquia constitucional independente foi criada. A Noruega foi declarada livre e independente e o parlamento recém-fundado recebeu o nome *Storting* (a grande assembleia). A Suécia não aceitou de imediato a decisão norueguesa, e após um curto conflito, foi estabelecida uma nova monarquia dupla, a Suécia-Noruega, que aceitou a constituição e os noruegueses tinham considerável poder em relação à monarquia (BAGGE & MYKLAND, 1987 *apud* SAUNDERS, 2002, p.50-53).

Neste mesmo contexto, os ducados de Schleswig-Holstein e a região de Lauenburg, foram perdidos para a Prússia em 1864, na Guerra dos Ducados, parte do Schleswig voltaria para a Dinamarca somente após a Primeira Guerra Mundial.

Na Ásia, após as Guerras Napoleônicas, a ocupação da Índia pelos britânicos foi em maior escala em intensidade. Em 1800, todo o sul da Índia estava efetivamente sob controle inglês. Tranquebar havia sido ocupado pelos britânicos durante os conflitos entre a Dinamarca e a Grã-Bretanha, tanto em 1801-1802 quanto em 1808-1815. De 1807 a 1814, nenhum navio partiu da Dinamarca para a Ásia e o comércio nunca se recuperou. Apenas um navio foi enviado para a Índia e cinco para a China antes que a Companhia Asiática fosse finalmente dissolvida em 1844. O comércio asiático não era mais lucrativo. Serampore foi vendido em 1839 e Tranquebar em 1845 para a Companhia Britânica das Índias Orientais (HEINZELMANN, 2006, p.31).

As Ilhas Nicobar foram entregues gratuitamente à Inglaterra em 1868. Os britânicos usaram as ilhas como colônia de prisão para prisioneiros da Índia Britânica

Quanto a Guiné, os dinamarqueses nunca haviam realmente conseguido competir, na segunda metade do século XVIII, com os holandeses e ingleses. Os fortes da Costa do Ouro foram mantidos por até meio século após a abolição do comércio de escravos (NORRENGARD, 1966, p.228).





Em 1818, os dinamarqueses tentaram vender os fortes aos Estados Unidos, que na época procuravam um lar adequado para seus escravos libertos, que levou à fundação da Libéria em 1822. À medida que seu comércio na costa aumentava, os mercadores britânicos na Costa do Ouro argumentavam que o território dinamarquês possuía alguns dos melhores solos de lá. Nas palavras do governador britânico: “Não há dúvida de que, do ponto de vista comercial, os dinamarqueses possuem a melhor parte da costa; e se fossem comercialmente um povo empreendedor, suas posses aqui seriam de grande importância para eles” (WINNIET, 1847 *apud* NORRENGARD, 1966, p.219, tradução do autor).

Quando os franceses mostraram interesse em comprar os fortes, Lorde Palmerston rapidamente assinou um tratado em 31 de dezembro de 1849, com a venda de cinco fortes com equipamentos militares e todos os direitos e posses dinamarquesas na Costa do Ouro para a Grã-Bretanha.

No Caribe, o fator decisivo foi a abolição da escravidão em 1848. Conseqüentemente, as ilhas Caribenhas com economia baseada em cana-de-açúcar se tornaram inviável economicamente. Em 1917, as três ilhas foram vendidas para os Estados Unidos por \$25 milhões. Os americanos temiam que os alemães instalassem uma base submarina na região durante a Primeira Guerra Mundial. Atualmente as ilhas são conhecidas como Ilhas Virgens. Esta foi a última vez que na história que uma colônia foi vendida entre Estados (BREGNSBO & JENSEN, 2004, p.125).

Estes fatos marcam o desfecho do império dinamarquês, porém, sobretudo ao longo do século XX, a descolonização na África e na Ásia, marcaria também o final dos outros impérios coloniais europeus.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agnarsdóttir, Anna. **Great Britain and Iceland 1800-1820**. Dissertação, London School of Economics and Political Science, 1989;
- Bagge, S; Mykland K. **Norge i dansketiden**, Copenhagen 1987;
- Bregnsbo, M., Jensen K. V., **Det danske imperium – storhed og fald**, Copenhagen 2004;
- Canny, N. (ed.). **The Origins of Empire**, Oxford, 1998;
- Derry, T. K. **A Short History of Norway**, London, 1968;
- Feldback, O. **India Trade under the Danish Flag 1772-1808**, Copenhagen 1969;
- Gad, F. **The History of Greenland**, London 1970, p. 120-121;



Gøbel, E. **Danish Shipping and Trade with Asia around 1800**, Kiel, 2006;

Gregersen, H. V., **Slesvig og Holstein intil 1830**, Copenhagen, 1981;

Howe, S. Empire. **A Very Short Introduction**. Oxford, 2002;

Heinzelmann E., Robl S., Riis T. **The Oldenburg Monarchy. An Underestimated Empire?**, Kiel, 2006;

Langslet L. R., **The Dual Monarchy Denmark-Norway in a Cultural Perspective**, Ludwig, 2006;

Lewisohn, F. **Divers information on the romantic history of St. Croix**, Dukane, 1964.

Nørregård, G. **Danish Settlements in West Africa 1658-1850**, Boston, 1966;

Saunders, T. **Power Relations and Social Space: a Study of the Late Medieval**

Sá, Carlos Augusto Trojaner de. Os nacionalismos do século XIX: O caso do Schleswig-Holstein. In: **Revista Historiador**, v. 1, p. 30, 2015;

**Archbishop's palace in Trondheim**. *European Journal of Archaeology*, 5(1), p. 89–111, 2002